

EDITORIAL

Fazendo bom uso da liberdade recém-adquirida com o término da restrição semitemática, este número da revista *Tempo Psicanalítico* apresenta 11 artigos – e uma resenha – que versam sobre os mais diversos temas, ligados tanto ao saber psicanalítico como a campos afins. Psicanálise, filosofia, música e teatro se articulam e entrelaçam em uma espécie de “livre associação” de artigos e ideias.

Com a versão on-line da revista (ISSN 2316-6576), disponível desde 2010 no portal PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia), a restrição temática perde a razão de ser, uma vez que essa versão possibilita ao leitor selecionar o tema que deseja pesquisar, nos diversos números do *Tempo*. Além disso, com o fim da restrição temática, o processo editorial de recebimento, processamento e publicação de artigos torna-se mais ágil e fluido, beneficiando tanto autores quanto leitores.

Começando pela arte, com ela dois artigos deste número fazem interlocução. Débora da Fonseca Seger e Edson Luiz André de Sousa propõem uma interessante e rara aproximação entre *psicanálise* e *música*, com ênfase nas concepções lacaniana de voz – como objeto *a* – e de pulsão invocante na constituição do sujeito. Já o artigo de Paola Mieli, com tradução de Ivanisa Teitelrojt Martins, traz uma reflexão sobre ciência, novas tecnologias e alienação subjetiva, a par-

tir da peça teatral de Primo Levi: “A bela adormecida na geladeira” (Levi, 1966/1986), mostrando como a normalidade pode ser percebida como produto de uma normatividade biopolítica universalmente aceita.

O conceito de biopolítica de Foucault – tão atual – também está presente no artigo de Joel Birman, no qual o autor faz uma interessante articulação entre o conceito foucaultiano e o *mal-estar na contemporaneidade* para lançar luz sobre a questão da comparabilidade dos paradigmas constituídos na história da psicanálise.

O *sujeito da psicanálise* é a temática do trabalho de Glória Maria Monteiro de Carvalho e Alba Gomes Guerra. No artigo, as autoras discorrem sobre o sujeito que funda tanto a ciência como a psicanálise, colocando tais campos em uma *relação* “indissociável, porém antinômica”: enquanto a ciência busca suturar, a psicanálise se esforça para manter a divisão que move o sujeito.

Na “escala invertida da Lei do desejo” Lacan situa o gozo, que neste número é tematizado em três artigos. Em *O gozo na topologia borromeana: um novo paradigma?*, Andréa Máris Campos Guerra parte de uma revisão dos seis paradigmas do gozo de Miller (2012) para propor um sétimo, a partir da topologia borromeana. O nó borromeano também está presente no artigo de Alinne Nogueira Silva Coppus, no qual o *corpo – sede do gozo* – é abordado de uma “maneira borromeana”. Ainda na temática do *gozo*, o artigo de Ana Maria Medeiros da Costa, Maria Aimée Laupman Ferraz e Valdelice Nascimento de França Ribeiro traz uma interessante articulação entre o *amor*, a *posição feminina* e a *escrita*.

As possíveis conexões entre o fenômeno da *maternidade tardia* e o sentimento de *ambivalência* são investigadas no texto de Fernanda Travassos-Rodriguez e Terezinha Féres-Carneiro. As autoras discorrem sobre as dificuldades das mães tardias em conciliar certos aspectos da vida já bem estruturada com as funções da maternidade.

Daniel Dias Brepohl e Vinicius Anciães Darriba, em *Um estranho irreduzível no saber freudiano sobre as psicoses*, partem da noção freudiana do *estranho* para examinar o esforço de teorização da *psicose* compreendido por Freud ao longo de sua obra. Neste percurso, os autores analisam textos importantes nos quais o mestre vienense se debruça sobre o tema.

No artigo *A importância do brincar em Winnicott e Schiller*, os autores Fábio Belo e Kátia Scodeler discutem a aplicação na prática clínica da *teoria do brincar* de Winnicott, bem como suas bases teóricas e semelhanças em relação à conceituação do *impulso lúdico* e do *jogo* para Schiller.

Ao discorrer sobre a “Ironia trágica” – traço distintivo do texto sofocleano –, Ingrid Vorsatz aponta para uma dimensão *ética* ali presente, na medida em que sendo o texto marcado pela polissemia e equívocidade “o herói trágico, ao se decidir por determinado sentido, escolhe seu destino”.

Este número apresenta ainda a competente resenha do livro *Compulsões e obsessões, uma neurose de futuro* de Romildo do Rêgo Barros (2012), redigida pela colega Sandra Edler. Dentre outros destaques, Sandra refere-se à questão da “grande ilusão” – conforme pondera o autor – de se acreditar que alguma mudança poderá advir com o acréscimo de sentido: “pelo contrário, a transformação do sujeito se dá na ruptura com o sentido prévio à interpretação” (Barros, 2012: 45).

Boa leitura a todos!

Arthur Figer